

A violência oculta*

Alessandra Ricciardi Gordon**

Cleusa Maria Gouveia Nery***

Concede-se que uma menina de 10 anos seja vinte vezes mais esperta que um moleque da mesma idade. E por que ela se transforma, aos vinte, numa grande idiota, desajeitada, tímida, com medo de aranhas, enquanto o moleque se torna um homem espirituoso e inteligente?
Stendhal (1828) *apud* Maria Rita Kehl (1989)

Através do estudo “A virada do século: Estudo sobre o psiquismo feminino realizado com três gerações de mulheres de uma mesma família”, por Nery e Gordon (2001), observamos a ocorrência de situações em que pudemos identificar a presença de violência. Em muitos relatos ouvimos histórias em que a violência estava presente, menos sob sua forma bruta impetrada diretamente sobre as mulheres, e mais nas nuances culturais e ideológicas, abarcando o que era concebido e aceito como próprio da natureza feminina.

O que mais se destacou foi a aparente falta de demanda social para que a mulher desenvolvesse e aplicasse suas possibilidades. Isso ocorreu em inúmeros momentos da história. Alia (2005) relata que, durante as duas grandes guerras e também na guerra da Argélia e na Guerra Civil Espanhola, as mulheres assumiram postos de trabalho deixados pelos homens e experimentaram as suas capacidades. No entanto, quando os homens regressaram para seus cargos, várias leis foram criadas e propagandas foram feitas para que elas voltassem para o domínio doméstico. As conquistas recém-adquiridas foram rapidamente perdidas, e as heroínas do trabalho se transformavam em “surrupadoras do trabalho”, caso insistissem em prolongar essa condição. Não se procurou saber o que as mulheres pensavam ou o que queriam antes de serem convocadas ao trabalho, e tampouco se quis saber se porventura algumas delas, caso pudessem, optariam por manter a condição de trabalhadoras.

Essa forma de violência menos aparente ou não facilmente identificável se refletiu no mundo interior das mulheres de maneira indelével. Refletindo sobre ela, encontramos ressonâncias em obras da literatura e em notícias veiculadas na mídia.

Estudo sobre o psiquismo feminino em três gerações de uma mesma família

No estudo acima mencionado, utilizamos entrevistas semi-estruturadas e o Procedimento Desenho-Estória Trin-

ca (1997), que consiste em uma técnica de investigação clínica que busca ampliar o conhecimento da dinâmica psíquica baseando-se em desenhos livres e no relato de histórias.

Ao longo desse estudo, pudemos acompanhar o relato de três mulheres de uma mesma família e procedemos a dois tipos de análise. Quando tomamos como objeto de estudo as gerações de uma mesma família, observamos semelhanças e diferenças entre elas. Uma outra forma de análise desenvolvida adotou como objeto de estudo os grupos geracionais, pois as mulheres das diferentes gerações formavam três grandes grupos, que, independentemente das diferenças individuais, tendiam a experimentar questões semelhantes. Neste trabalho vamos utilizar algumas observações dessa análise, especialmente com relação ao grupo da primeira geração, que apresentou com maior frequência um fenômeno que nos chamou a atenção, qual seja, o de várias mulheres sofrerem situações de violência não explícitas, mas não menos indelévels, que incidiram sobre o seu mundo interior, causando uma restrição da capacidade de desejar, sonhar e pensar.

A primeira geração de nossa amostra é composta de mulheres nascidas no início do século XX em meio às questões socioculturais da época. Elas não têm formação superior e, em muitos casos, nem mesmo a fundamental; muitas não chegaram sequer a almejar uma profissão, uma vez que eram criadas prioritariamente para o espaço doméstico.

O casamento era visto como o destino possível, porque representava um desfecho afetivo emocional e ao mesmo tempo financeiro. Usualmente os maridos tinham o papel de prover a casa e fazer a ponte com o mundo externo. As relações afetivas eram permeadas de maior formalidade, distanciamento, pouca espontaneidade e uma noção estabelecida de direitos e deveres. Isso se estendia ao relacionamento com os pais e com os filhos.

Ao longo da vida de grande parte dessas mulheres observamos uma retração do mundo interno, ou seja, a força de vida, que muitas vezes transparecia nos relatos da infância, com frequência se perdia em meio às convenções sociais, deveres e obrigações. Possivelmente para elas os costumes da época foram vividos como imposições internas. Meninas possuidoras de energia e capacidade criativa se tornaram mulheres impossibilitadas de deixar rolar essa correnteza de vida. Percebemos ainda que elas eram vistas – e também se viam –

como pessoas com potencial limitado. A energia, a inteligência e a capacidade de realização eram atribuídas aos homens, e elas cabiam somente os cuidados domésticos, as atividades repetitivas ou consideradas de pequeno valor, e o que poderia ter se desenvolvido ficou, em muitas delas, encruado. Elas foram deixando de lado a espontaneidade da infância e se transformando em pessoas que achataram sua essência, que deixaram para si somente as tarefas, e não os desejos.

Observamos nos seus relatos um recordar saudosista: depois de quase toda a existência, o que mais valorizavam era o tempo em que se sentiram realmente alguém, quando recordavam suas infâncias como o tempo em que eram cheias de vida. Tais observações foram confirmadas por desenhos menos elaborados, em que o traçado, de modo geral, era mais tênue. É como se os desenhos fossem pretextos para o relato de histórias em que as lembranças se mesclam à fantasia.

Pensamos que o superego pode se tornar opressor, capaz de suprimir desejos, muitas vezes até mesmo antes de eles serem percebidos. Ao rigor do superego se somaram ainda as forças sociais, levando a calar e domesticar os desejos mais profundos de cada uma. Foi à custa de muitas renúncias e repressão – como revelou uma de nossas entrevistadas: “engolindo o número de sapos necessários” – que essas mulheres deixaram de se levar em conta. A força superegógica repressora, em alguns casos, revelou-se uma assassina de almas femininas.

Sabemos que se trata de questões complexas, pois incluem uma concomitância de fatores do mundo interno de cada uma e, ao mesmo tempo, de fatores socioeconômicos e culturais. Como afirma Maria Rita Kehl (1998), o social produz um discurso que determina a natureza do feminino em uma dada cultura. Mas também constitui um espaço social e mental onde a mulher pode transitar, onde se verificam funções que ela pode desenvolver e identidades que pode encarnar.

As mulheres tinham poucas oportunidades, pois era reduzida a demanda social, para desenvolver atividades que envolvessem sua subjetividade e sua energia pulsional e as remetesse para o mundo. Pensamos que a violência está no lugar que lhes foi dado pela cultura, na medida em que impediu o desenvolvimento de suas capacidades. Como vimos na nossa amostra, o início do século não foi particularmente propiciador do desenvolvimento de suas capacidades individuais, o que foi se alterando com os acontecimentos do correr do século: houve um redimensionamento dos papéis sociais femininos e masculinos, o que resultou num oferecimento de condições mais propícias, desde a perspectiva socioeconômica e cultural, para a expansão do seu espaço mental. A mulher passou, então, a ter a possibilidade de desenvolver suas capacidades, sua vida intelectual, e está buscando um novo lugar no mundo. Talvez agora a questão seja mais com ela mesma, com suas possibilidades internas de sair para o externo, de lidar com o medo e de se expandir. Poderíamos pensar nos quadros de angústia sentido por muitas mulheres – síndrome do pânico, transtorno de angústia depressiva, anorexia nervosa – como manifestações dos medos de expansão do espaço interno?

Literatura

Insatisfações, amarguras e mesmo uma certa opressão compõem parte do universo feminino. Observamos o quanto a literatura dá forma às mais variadas emoções humanas e as expressa em uma trama. Anseios que eram mantidos secretos ou cindidos encontram assim expressão; estados de alma pouco discriminados ou muito penosos podem ser paulatinamente conhecidos e elaborados através de uma identificação com a experiência contada. A literatura cumpre, entre outros, este duplo papel: se por um lado dá expressão ao que era inaudível e secreto, por outro nos possibilita encontrar palavras para construir um enredo que nos permite fazer tramitar e elaborar nossos próprios estados psíquicos internos.

A literatura é ainda um instrumento que dá forma e sistematiza as idéias de uma determinada época. A produção literária do século XIX, a exemplo da de Stendhal, em *O vermelho e o negro*, Flaubert, com sua *Madame Bovary*, e Machado de Assis com *Dom Casmurro*, através de seus personagens femininos, traduziu e representou alguns dos anseios e frustrações das mulheres daquela época. Algumas raras mulheres – caso de Collete e Simone de Beauvoir – puderam, às vezes, com codinomes masculinos e sempre como privilegiadas, escrever romances que tratavam de sua condição.

No início do século XX, Virginia Woolf (1929/1977) escreve o livro *Um quarto todo seu* no qual desenvolve sua concepção de que a ausência das mulheres na literatura não se deve a uma falta de habilidade para escrever ou a características intrínsecas do sexo feminino, mas à total falta de oportunidades. Ela nos mostra que a vida que as mulheres levam, as idéias que têm de si, e o que é considerado natural e esperado como ocupações femininas simplesmente não incluem essa atividade. A autora afirma ainda que, caso quisessem, seria praticamente impossível encontrar meios para tal, uma vez que elas não eram preparadas em universidades ou escolas afins e não dispunham de meios financeiros que permitissem sua autonomia. Lembremos que estamos nos primórdios do século XX e Virginia Woolf se ocupa da ausência da mulher na literatura nas décadas anteriores, quando as mulheres não tinham bens em seu nome, não votavam e eram inteiramente dependentes do pai ou do marido.

Ela nos mostra como as gerações anteriores de mulheres estavam por demais envolvidas com os atos de gestar, parir, alimentar e criar filhos... e nem sequer cogitavam a possibilidade de criar condições para desenvolver outras habilidades que não as consideradas tipicamente femininas. Não se concebia a possibilidade de uma formação intelectual, não se dispunha de tempo, tampouco de meios de sustento para desenvolver qualquer atividade que não fossem as domésticas.

Mas, contrariamente ao que reza o discurso dominante da época, isso não nos dá indícios de que as mulheres não possuíssem um mundo interior prenhe de sentimentos, pensamentos, fantasias que ansiavam por ganhar expressão. Portanto, desde que certas condições – que Virginia Woolf debate ricamente no livro – fossem atendidas, não haveria motivo para não encontrarmos mulheres escritoras.

* Trabalho apresentado no Pré-congresso da Ipso, Rio de Janeiro, julho de 2005.

** Candidata do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, mestre em Saúde Mental pela Universidade Federal de São Paulo.

*** Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Mais uma vez nos lembramos de Maria Rita Kehl (1998, p. 35), quando afirma que “o século XIX é o momento histórico em que a vida das mulheres se altera, ou mais exatamente, o momento em que a perspectiva de vida das mulheres se altera: tempo da modernidade em que se torna possível uma posição de sujeito”. Pensamos que a literatura é o espaço transicional em que tais questões aparecem de maneira fantasiosa, brincada e sonhada. A produção simbólica vai encontrando na produção literária um modo de dar forma a sonhos e anseios reprimidos de grande parte das mulheres. O projeto de “mudar de vida” para a mulher cerceada por padrões claramente delimitados só poderia se realizar por duas vias, a do amor ou a do devaneio literário. E não à toa que a época abordada produziu um romance como *Madame Bovary*, cuja personagem central passa para a estória da literatura como um dos grandes paradigmas da feminilidade.

A capacidade de sonhar amplia o espaço psíquico e gera a possibilidade de pensamento. O escrever também pode ser um meio de ampliar o espaço mental. Pode primeiro vir como um desabafo, para, aos poucos, favorecer uma elaboração, pois começa a surgir um espaço íntimo onde se pode desenvolver uma vida psíquica.

A ampliação do espaço mental

Temos assistido ao longo deste último século a uma expansão da vida interna das mulheres, num movimento proveniente da Europa, que passa pelas Américas e se propaga pelo mundo. As mudanças evoluem de geração em geração, de cultura para cultura. É um processo longo que acarreta mudanças tanto no universo cultural e social como no mundo interno das mulheres e dos homens, provocando essa “virada do século” na cultura.

Em nosso trabalho, observamos em muitos casos mães e avós estimulando suas filhas e netas a apropriar-se de seus desejos. Talvez estivessem, de certa forma, atualizando os desejos secretos e inaudíveis delas próprias. Terá sido então uma espécie de permissão, de abrandamento do superego, que facilitou a revolução feminina?

Foram, sobretudo, as mulheres da segunda geração que conquistaram maior espaço mental e social. Muitas das exigências externas, sentidas como imposição, foram rompidas e essas mulheres passaram a viver conflitos gerados pelo questionamento dos valores e dos modelos de suas mães. A duras penas, elas conseguiram criar condições para desenvolver o potencial infantil, sonhar os sonhos e evitar que as exigências externas se sobrepusessem às próprias necessidades. Promoveram mudanças na cultura e ocuparam papéis antes tidos como masculinos.

Observamos que a procura é por um modo próprio de ser, de manter sua vida pulsional fluindo com mais liberdade, ainda que isso as leve para caminhos desconhecidos. Os desenhos dessas mulheres revelam uma assertividade e uma presença que transparece através da firmeza do traçado, do uso variado de cores e de uma boa elaboração dos desenhos e estórias. As que puderam construir uma vida familiar satisfatória ou seguir uma profissão expressaram tal construção através de certa “força” nos seus desenhos, ao passo que as

que não foram bem-sucedidas na tentativa de engatar esse processo, ou o tiveram interrompido, manifestaram uma impressão geral de fragilidade ou desorganização.

Ao abandonarem antigos modelos, algumas das mulheres de nossa amostra se viram num espaço aberto e desconhecido. Algumas puderam se experimentar traçando seus caminhos, pois já não eram proibidos, mas outras se perderam. A possibilidade de escolha, diferentemente do que ocorria nas gerações anteriores, quando a cultura exercia um papel mais determinante, passou a pertencer a elas próprias, que nem sempre lograram quebrar suas barreiras internas e expandir seu mundo mental. Elas vivem uma crise constante, plena de incertezas e culpas. Experimentam dificuldades em ter contato com o seu ser, autorizar-se a perceber seus desejos e limitações e encaminhar-se para desenvolver as potencialidades possíveis. A violência já não é só no mundo externo – agora seus impedimentos internos se evidenciam.

Estamos no meio de um ambiente em que se dá a mutação dos papéis sociais e morais. Talvez possamos pensar que o espaço externo tem sido mais receptivo e tolerante às necessidades de expansão dos desejos femininos, com maior capacidade de *rêverie* para acolher os anseios femininos e assim propiciar a introjeção de um mundo mais brando. A expansão do espaço interno é algo conquistado e sua manutenção também requer trabalho psíquico. Sabemos, entretanto, que ainda hoje, em todas as culturas, das mais evoluídas às mais primitivas, muitas mulheres são submetidas – e se submetem – a situações de violência, tanto física como psíquica. Pensamos que a possibilidade de pensar e publicar tais fatos contribui para a diminuição da opressão sobre as mulheres.

Notícias atuais

Há sociedades em que a mulher ainda é destinada e restrita ao espaço doméstico, como a cultura oriental muçulmana. Podemos observar, contudo, alguns sinais de mudança com o surgimento de livros, filmes e documentários que retratam o imaginário, o modo de vida e os anseios das mulheres dessa cultura. Começa a surgir, portanto, uma ampliação do mundo mental feminino.

Nos emociona a ocorrência de relatos em que aparentemente há a criação de um espaço interno fértil em meio um espaço externo hostil. Lembramos o relato de Kristof (2004) sobre Mukhtaran Bibi, uma moça paquistanesa que funda uma escola para meninas. Eis sua estória: em 2002 membros de uma tribo poderosa abusaram sexualmente de um de seus irmãos. O crime foi encoberto com a falsa acusação de que o jovem tivera um caso com uma mulher de tal tribo. O conselho tribal determinou que o suposto caso amoroso proibido fosse assim punido: uma irmã do rapaz seria estuprada por vários homens da tribo rival. Assim aconteceu e Mukhtaran foi obrigada a voltar para casa nua na frente de trezentos aldeões.

Na conservadora sociedade muçumana o dever de Mukhtaran era claro: só lhe restava cometer suicídio, visto que uma garota estuprada não tem lugar de honra na aldeia.

Ninguém a respeita nem a seus pais. Mas, em vez de se matar, Mukhtaran denunciou seus agressores e propôs a chocante idéia de que a vergonha está em quem estupra e não em que é estuprada. Os estupradores estão atualmente no corredor da morte, ela foi indenizada pelo governo do Paquistão e recebe proteção policial. Mukhtaran, que nunca havia ido à escola, usou o dinheiro da indenização para abrir uma escola para as meninas de sua aldeia e outra para os meninos, porque acredita que a educação é a melhor maneira de conseguir uma mudança social. Os estupradores condenados foram absolvidos pelo júri, mas, graças a manifestações populares realizadas por mulheres, o júri voltou atrás em sua decisão.

Encontramos no ambiente externo, ainda nos dias de hoje, condições pouco apropriadas para conter anseios, desejos e necessidades, o que impede a expansão do mundo interno de muitas mulheres ao redor do mundo.

Estamos vivenciando um processo de mudança, razão pela qual os movimentos de progresso e retrocesso se fazem presentes. Como um exemplo de retrocesso, podemos citar a recente polêmica ocorrida na Universidade de Harvard. Segundo Samuelson (2005), o reitor Larry Summers, no discurso de abertura de um simpósio que discutia a presença das mulheres na ciência, sugeriu que as diferenças biológicas entre os sexos poderiam ser um dos fatores que explicam o reduzido sucesso feminino em disciplinas como ciências e matemática. Mesmo após um pedido de desculpas formal do reitor, instalou-se um debate entre pesquisadores de diferentes áreas e de ambos os sexos.

A reduzida presença de mulheres nas ciências se deve a um determinismo biológico ou a uma questão cultural e ideológica? Como isso nos soa semelhante às argumentações de Virginia Woolf! Na School of Science, percebeu-se que as mulheres ganhavam menores salários, tinham menos espaços em seus laboratórios e menos acesso a recursos para pesquisa e a posições envolvendo maior responsabilidade. Determinismo biológico?!

A nosso ver, Stephen Gould, citado por Citeli (2005, p. 6), esclarece a questão quando afirma: “Poucas tragédias podem ser maiores que a atrofia da vida; poucas injustiças podem ser mais profundas do que o ser privado da oportunidade de competir, ou mesmo de ter esperança devido à imposição de um limite externo, que se tenta fazer passar por interno”.

A ampliação do espaço interno possibilitado pelo sonhar, o representar e o pensar sobre si mesma permite que se procurem no mundo externo condições para satisfazer os desejos e as necessidades internos. Abre-se um espaço entre “como deveria ser” e “poder ser”. Há aí uma criação, uma ruptura na adaptação cultural. A necessidade interna da mulher, uma vez percebida, a leva a criar condições para modificar o ambiente.

Temos refletido sobre a “virada das mulheres”, que as coloca na posição de sujeito desejante e as torna capazes de ampliar o seu mundo interno e, em decorrência, modificar o mundo externo, o mundo da cultura.

A propósito, Stendhal responde à sua própria pergunta, aquela da epígrafe deste artigo: ele nos diz que isso acontece porque às mulheres só é permitido aprender aquilo que os

homens (os representantes da cultura dominante) desejam que elas aprendam!

Referências

- Alia, J. (2005, 27 janvier-2 février). Les nouveaux combats des femmes. *Le Nouvel Observateur*, 2099. Dossier, p. 6-8.
- Citeli, M. T. (2005, 30 de janeiro). Laboratório de preconceitos. *O Estado de S.Paulo*, Caderno J, Aliás, p. 6.
- Kehl, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kristof, N. D. (2004, 3 de outubro). Paquistanesa condenada ao estupro desafia tribo. *O Estado de S.Paulo*, Editoria Internacional A, p. 27.
- Nery, C. M. G. & Gordon, A. R. (2001). *A virada do século: Estudo sobre o psiquismo feminino com três gerações de mulheres de uma mesma família*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise, 42, IPA, Nice, 27 de julho de 2001.
- Samuelson, R. J. (2005, 30 de janeiro). Quando nem tudo é uma questão de gênero. *O Estado de S.Paulo*, Caderno A, p. 19.
- Trinca, W. (Org.). (1997). *Formas de investigação clínica em psicologia: Procedimentos de desenhos-estórias*. São Paulo: Vetor.
- Woolf, V. (1977). *A room of one's own*. London: The Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1929).

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer uma breve reflexão sobre a incidência de uma forma de violência na vida das mulheres, tal como observado em um estudo sobre o psiquismo feminino em três gerações de mulheres de uma mesma família. Trata-se da violência impetrada pela cultura dominante, que cerceia o desenvolvimento de potencialidades que levam à autonomia. Refletindo sobre essa forma de violência que incide na vida das mulheres, encontramos ressonâncias em obras da literatura e em notícias veiculadas na mídia.

Palavras-chave

Cultura. Espaço mental. Psiquismo feminino. Transgeracional.

Summary

The hidden violence

The aim of this article is to reflect briefly on the incidence of a particular kind of violence in women's lives, such as observed in the “Study of the feminine psyche on three generations of the same family”. It's about the violence imposed by the dominant culture that restrains the development of potentialities that lead to autonomy. Reflecting upon this kind of violence, we found significance in literature and in the contemporaneous media.

Key words

Culture. Mental space. Feminine psyche. Trans-generationality.

Alessandra Ricciardi Gordon
Rua Pedroso Alvarenga, 1245/103 – Itaim Bibi
04531-012 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3071-3757
argordon@uol.com.br

Cleusa Maria Gouveia Nery
Rua João Lourenço, 683/81 – Vila Nova Conceição
04508-031 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3842-2681
cgnery@uol.com.br